

FRAGMENTOS ELEGÍACOS DE AMOR

Amós Coêlho da Silva (UERJ)
amosc@oi.com.br

RESUMO

A carta de amor. Ausência e abandono. O sedentarismo feminino e a aventura masculina, a navegação. Velas ao vento. A armadilha da qual não se saiu: que fazer? A nave de Teseu ao longe. Quando chegares à Acrópole, contarás sobre a derrota do homem-touro. Não esquecerás, acredita-se, que Ariadne foi abandonada numa terra inóspita.

Palavras-chave: Teseu. Ariadne. Amor.

Publius Ovidius Naso (43 a. C. – 18 d. C.) educou-se em Roma e estudou retórica na Grécia, embora o pai lhe tivesse apontado o caminho para o Direito, despertou bem cedo o seu interesse pela poesia. Algumas de suas obras são *Arte de Amar*; *Os Amores*; *Heroides*; *Os Remédios do Amor*; *Cosméticos para o Rosto*; *Os Fastos*; *Tristes* – todas em dísticos elegíacos ou pentâmetro datílico; *Haliêutica* e *Metamorfoses*, em hexâmetro datílico.

Dístico elegíaco:

Dōnēc ě\rīs fē\līx, // mūl\ťōs nūme\rābīs ā\mīcōs;

Tēmpōřā \ sī fūě\rīnt // nūbīlā, \ sōlūs ě\rīs.

(*Tristes*, I, 9-56)

Enquanto *As Metamorfoses* relatam, em versos hexâmetros datílicos, múltiplas lendas, agrupadas em quinze livros, desde o surgimento do mundo, proveniente do caos, à apoteose de César, transformado em estrela, *Os Fastos* tratam do calendário religioso de Roma, em versos elegíacos, através de seis livros, computando um para cada um dos seis primeiros meses do ano e, com o desfalque de outros seis, pois foram interrompidos pelo exílio do Poeta, embora tivesse sido este poema dedicado a Augusto, com suas festas públicas.

As *Heroides* são um conjunto de cartas imaginárias dirigidas a amantes pelas heroínas da épica e tragédia helênicas. Em uma delas a poetisa Safo escreve para o mítico Fáon; nela Safo descreve o seu

Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

furor eroticus:

Vror, ut, indomitis ignem exercentibus Euris
Fertilis accensis messibus ardet ager. (*Her.* 15, 9-10)

-Inflamo-me como campo fértil, que arde com as colheitas em chama, chama insuflada pelo Euro indômito.

X – Ariadne Theseo (P. Ouidi Nasonis Epistulae Herodum)

Illa relicta feris etiam nunc, improbe Theseu
Viuit. Et haec aequa mente tulisse uelis?

Em alguns códices o texto começa pelo dístico acima. Veja a tradução: *Perverso Teseu, aquela mulher abandonada por ti às feras ainda vive. Gostarias de ter levado também estas palavras com tranquilidade?*

Mitius inueni quam te genus omne ferarum; Credita non ulli quam tibi peius eram. Quae legis, ex illo, Theseu, tibi litore mitto, Vnde tuam sine me vela tulere ratem; 5 In quo me somnusque meus male prodidit, et tu, Per facinus somnis insidiate meis. Tempus erat, vitrea quo primum terra pruina Spargitur, et tectae fronde queruntur aues. Incertum uigilans, a somno languida, movi 10 Thesea pressuras semisupina manus. Nullus erat; referoque manus, iterumque retento, Perque torum moueo brachia; nullus erat. Excussere metus somnum; conterrita surgo, Membraque sunt viduo praecipitata toro. 15 Protinus adductis sonuerunt pectora palmis; Vtque erat e somno turbida, rapta coma est. Luna fuit: specto, si quid nisi litora, cernam; Quod videant oculi nil, nisi litus, habent. Nunc huc, nunc illuc, et utroque, sine ordine, curro: 20 Alta puellares tardat arena pedes, Interea toto clamanti litore, Theseu! Reddebant nomen concava saxa tuum. Et quoties ego te, toties locus ipse uocabat: Ipse locus miserae ferre uolebat opem. 25 Mons fuit: adparent frutices in uertice rari; Hinc scopulus raucis pendet adesus aquis. Adscendo: uires animus dabat; atque ita late Aequora prospectu metior alta meo. Inde ego, nam uentis quoque sum crudelibus usa, 30 Vidi praecipiti carbasa tensa Noto: Aut uidi, aut iam, cum me uidisse putarem, Frigidior glacie, semianimisque fui. Nec languere diu patitur dolor: excitor illo, Excitor, et summa Thesea uoce uoco: 35 "Quo fugis? exclamo; scelerate, reuertera, Theseu.	Encontrei mais doçura em toda espécie de feras do que em ti; Eu ²³ não estaria pior confiada a qualquer um do que a ti. O que lêes te envio daquela praia, Theseu, Onde as velas levaram sem mim a tua nave; (5)Onde meu sono me atraçouu infelizmente, E tu armaste perversa cilada durante os meus sonhos. Era cedo, a hora em que a terra se cobria de névoa cristalina E as aves protegidas soltam lamentos na copa. Enquanto acordo com hesitação, negligente ainda do sono, (10) Apalpei e tateei semideitada. Não havia nada; levei outra vez a mão e tentei pela segunda vez, Movi os braços por toda a cama; não havia ninguém. Sobressaltos espantaram o sono; levantando assustada. Meu corpo se precipitou da cama vazia. (15)Logo ressoaram o meu peito com socos pesados; Arranquei o(s) cabelo(s) quando ainda estava no desalinho do sono. Havia lua: olhei e procurei, mas só havia praia; O que os olhos viam, eram apenas praia. Então corri para lá e para cá, e em ambos os sentidos, sem ordem: (20) A areia afundada (das minhas passadas) deteve os pés femininos, Entretanto, por todos litoral em gritava, Teseu! As pedras côncavas retornavam teu nome. E quantas vezes eu te chamava, tantas outras o próprio local chamava: O próprio local queria partilhar o esforço da infeliz. Numa montanha em cujo cimo vicejam raros arbustos; De lá pende um rochedo gasto pelas roucas águas (do mar). Subi até lá levada pelo desespero; Medi assim largamente com minha visão a imensi-
--	---

²³ A letra "E" (assim outras maiúsculas) está maiúscula para indicar o início de um verso.

<p>Flecte ratem: numerum non habet illa suum." Haec ego; quod uoci deerat, plangore replebam; Verbera cum uerbis mixta fuere meis. Si non audires, ut saltem cernere posses, 40 Jactatae late signa dedere manus; Candidaque imposui longae uelamina uirgae, Scilicet oblitos admonitura mei. Iamque oculis ereptus eras. Tum denique fleui: Torpuerant molles ante dolore genae. 45 Quid potius facerent, quam me mea lumina flerent, Postquam desiderant uela uidere tua?</p>	<p>dão do mar. Daf eu vi – pois também me servi dos cruéis ventos – (30) tuas velas impelidas pelo Noto impetuoso. Ou vi, ou agora quando contava que tinha visto, Fi- quei mais fria que gelo e desmaiada. A dor não me permite ficar desmaiada por muito tempo; Excita- me e chamo com força Teseu: (35) “Para onde fo- ges? Grito: volta cruel Teseu. Desvia o teu barco, ele não tem ordem definida.” Eu disse estas coisas; o que faltava à voz, supria com soluços; Os golpes se misturaram com minhas palavras. Já que não ou- vias, (40) As mãos fizeram largamente sinais gesti- culados, para que pudesses (ao menos) me ver; usei panos brancos numa longa vara. Sem dúvida havia de advertir aquele que esqueceu de mim. Já estavas fora do alcance dos meus olhos. Então chorei. Minha face delicada entorpeceu-se com a dor. (45) Que podiam fazer meus olhos senão chorar, de- pois que tuas velas deixaram de ser vistas? (...)</p>
--	--

O termo “discursus” se compõe de “dis”, dispersão, mais a formação do supino latino “cursum” de “curro”, correr. Para Roland Barthes (2000, p. 13-14), *o enamorado não pára de correr na sua cabeça, de empreender novas diligências e de intrigar contra si mesmo*. De modo que, afirma ele, *(S)eu discurso só existe através de lufadas de linguagem (Idem)*. E isso de maneira aleatória.

Essas frações de linguagem tomam formas “coreográficas” no sentido grego da expressão ‘schēma’, atitude exterior, gesto, fluindo momentos mais ativos ou menos ativos. Ariadne preencheu seu discurso com “o coração”, ou seja, batimento cardíaco de acordo com inquietudes, “uma carta”, aliás, nunca lida por Teseu, “o corpo do outro”, “a doce calma dos teus braços”, “a alvorada”, ou melhor, despertar em pânico, “a nave fantasma”, quer dizer, ficar errante, “angústia”, “ausência”, “velas ao vento. A armadilha da qual não se saiu: que fazer?”

Quando chegares à Acrópole, contarás sobre a derrota do homem-touro. Não esquecerás, acredita ela, que Ariadne foi abandonada numa terra inóspita. *Si non ego causa salutis, / Non tamen est cur sis tu mihi causa necis. Se não sou causa de tua salvação, / não há motivo por que sejas a causa de minha morte.* (143-144) E nos versos 149-150: *“Flecte ratem, Theseu, versoque relabere uento. Si primus occidero, tu tamen ossa feres. Teseu, faze voltar tua nau; deixa que os ventos contrários a impilam. Se eu morrer antes, pelo menos levarás meus ossos.”*

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Tradução de H. dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.
- BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1964.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes.
- _____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CRUSIUS, Federico. *Iniciación em la métrica latina*. Versão e adaptação de Ángeles Roda. Barcelona: Bosch, 1951.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire ethymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1985.
- HARVEY, Paul. Traduzido por M. da Gama Kury. *Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- HUMBERT, Jules. *Histoire illustrée de la littérature latine – précis méthodique*. Paris: Henri Didier, 1932.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- VERGNA, Walter. *Heroídes: a concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio*. Rio de Janeiro: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1975.